

Ideias políticas

Platão

Pp. 311-312

A utopia platônica

- Perspectiva política da alegoria da caverna: a sofocracia
- Educação e política: as três classes
- A utopia platônica é elaborada na época da decadência, corrupção da democracia ateniense.

Filósofos-reis

- “Enquanto os filósofos não forem reis, ou os reis e príncipes deste mundo não tiverem o espírito e poder da filosofia, e a sabedoria e liderança política não se encontrarem no mesmo homem, as cidades jamais deixarão de sofrer de seus males, o mesmo acontecendo com a raça humana”.
- Platão. A república.

Para prevenir a corrupção

- “E eles serão os únicos, entre todos os cidadãos que não poderão tocar ou manusear a prata ou o ouro, estar sob o mesmo teto que eles ou usá-los, ou ainda beber de recipientes feitos com eles. E isso será a sua salvação e a salvação do Estado”.

- Platão. A república.

Sobre a educação dos filósofos e filósofas

Sócrates — Então, o estudo da dialética, quando nos entregamos a ele sem tréguas e com ardor, sem fazer nenhum outro trabalho, da mesma forma como se fazia para os exercícios do corpo, exigirá algo como o dobro dos anos consagrados a estes.

Glauco — Seriam então quatro ou seis anos?

Sócrates — Isso não é importante, vamos dizer que sejam cinco anos. Depois faremos com que desçam de novo à caverna e os obrigaremos a exercer os cargos militares e todas as tarefas adequadas aos jovens, para que, no que diz respeito à experiência, não se atrasem em relação aos outros. Tu os exercitarás na prática dessas tarefas, para ver se, tentados de todos os lados, se mantêm firmes em seu propósito ou se deixam abalar.

Glauco — E que tempo será necessário para tal?

Sócrates — Quinze anos. E, ao atingir os cinquenta anos, os que tiverem se saído bem destas provas e se tiverem distinguido em tudo e de toda maneira, no seu agir e nas ciências, deverão ser levados até o limite e forçados a elevar a parte luminosa da sua alma ao Ser que ilumina todas as coisas. Então, quando tiverem vislumbrado o bem em si mesmo, usá-lo-ão como um modelo para organizar a cidade, os particulares e a sua própria pessoa, cada um por sua vez, pelo resto da sua vida. Passarão a maior parte do seu tempo estudando a filosofia, quando chegar a vez deles, suportarão trabalhar nas tarefas de administração e governo, por amor à cidade, pois que ver~o nisso não uma ocupação nobre, mas um dever indispensável. Assim, depois de terem formado sem cessar homens que lhes sejam semelhantes, para lhes deixarem a guarda da cidade, irão habitar as ilhas dos bem-aventurados. A cidade consagrará a eles monumentos e sacrifícios públicos, a título de divindades, se a Pítia assim permitir, senão a título de almas bem-aventuradas e divinas.

Glauco — São mesmo belíssimos, Sócrates, os governantes que modelaste como um escultor!

Sócrates — E as governantas também, Glauco, porque não penses tu que o que eu disse se aplica mais aos homens do que às mulheres que tiverem aptidões naturais suficientes.

Glauco —. Está claro, já que tudo deve ser igual e comum entre elas e os homens.

Aristóteles

Pp. 322–323

Tipologia das formas de governo

- Critérios de classificação:
quantidade de pessoas que governa;
valor (forma de governo que visam o bem comum ou que estão corrompidas)
- Monarquia, aristocracia, politéia (ou república) *versus* Tirania, oligarquia e democracia.

- Crítica ao "comunismo" de Platão como algo fantástico e irrealizável;
- O fim da política é a formação ética dos cidadãos, o que é o mesmo que o bem comum, a felicidade geral;
- O homem é um animal político;
- Condenação do Estado que visa a conquista e a guerra.
- Compreensão da escravidão como algo necessário.
- Ócio e cidadania.

Sobre a finalidade do Governo

“É preciso, pois, que o melhor governo seja aquele que possua uma constituição tal que todo cidadão possa ser virtuoso e viver feliz; isso é evidente.”

ARISTÓTELES. *A Política*.

Sobre o melhor governante

“Dissemos que existem três bons governos; o melhor é forçosamente aquele que é administrado pelos melhores chefes. [...] Demonstramos também que, no governo perfeito a virtude do homem de bem é forçosamente a mesma que a do bom cidadão. É, pois, evidente também que com os mesmos meios e as mesmas virtudes que constituem o homem de bem, constituir-se-á igualmente um Estado aristocrático ou monárquico. Assim, a educação e os costumes que formam os cidadãos serão os mesmos que formam o rei.”

ARISTÓTELES. *A Política*.

Maquiavel

Maquiavel e a consciência da novidade do seu pensamento

1. Ainda que, por causa da inveja natural dos homens, **tenha sido sempre mais perigoso buscar novos modos e novas ordenações do que mares e terras desconhecidas**, por estarem os homens mais dispostos a censurar do que a louvar as ações dos outros, mesmo assim, eu, movido pelo natural desejo que sempre me fez perseguir, sem nenhum temor, aquelas coisas que acredito poderem trazer um maior benefício comum, **decidi tomar uma via ainda não trilhada por ninguém**. Esta via pode me trazer incômodos e dificuldades, mas poderá também trazer-me recompensas, fruto do reconhecimento daqueles que considerarem humanamente a finalidade destes meus esforços. Se o engenho pobre, a pouca experiência das coisas presentes e os poucos conhecimentos das antigas tornarem este meu esforço defeituoso e de não muita utilidade, ao menos isso abrirá a via para alguém que, com mais *virtù*, mais eloquência e mais juízo, possarealizar esta minha intenção. Portanto, se o que fizer não me trouxer louvor, não deverá, porém, suscitar censuras.

“Muitos imaginaram repúblicas e principados que nunca foram vistos nem conhecidos de verdade. Porque há tanta diferença entre como se vive e como se deveria viver, que quem deixa aquele e segue o que se deveria fazer aprende rapidamente a sua ruína que a sua preservação: porque um homem que deseja ser bom em todas as situações, é inevitável que se destrua entre tantos que não são bons. Assim é desejável a um príncipe que deseja conservar-se no poder, aprender a não ser bom, e sê-lo e não sê-lo conforme a necessidade.”

MAQUIAVEL. *O Príncipe*

- O novo paradigma: separação entre ética e política;
- Os novos fundamentos: história e prática;
- O duplo objetivo do príncipe;
- Os conceitos de virtú e fortuna;
- A aparente contradição entre as obras “O Príncipe” e “Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio”.

DE QUE MODO OS PRÍNCIPES DEVEM CUMPRIR A SUA PALAVRA

Todos sabem quão louvável é um príncipe ser fiel à sua palavra e proceder com integridade e não com astúcia; contudo, a experiência mostra que só nos nossos tempos fizeram grandes coisas aqueles príncipes que tiveram em pouca conta as promessas feitas e que, com astúcia, souberam transtornar as cabeças dos homens; e por fim superaram os que se fundaram na sua lealdade.

Deve saber-se que há dois modos de vencer um com as leis, outro com a força: o primeiro é próprio dos homens, o segundo dos animais; mas porque muitas vezes o primeiro não basta, convém recorrer ao segundo. Portanto é necessário a um príncipe que seja ao mesmo tempo homem e animal. Os antigos escritores ensinaram encobertamente isto mesmo aos príncipes, escrevendo que Aquiles e muitos outros príncipes antigos foram dados a educar a Quíron centauro para que os guardasse sob a sua disciplina. E ter por preceptor um ser, meio animal, meio homem, outra coisa não significa senão que um príncipe deve saber usar duma e doutra natureza e que uma sem a outra não é durável.

Link para documentário sobre Maquiavel

- <https://www.youtube.com/watch?v=LUD0naqziLo>